



*Por uma cultura de paz*

**149. RedeUnaViva: Meditação Cristã 149 – paragem 6-422 –  
23.07.2017**

LUCAS 12:13-21

**A IMPREVIDÊNCIA DO PREVIDENTE**

**Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Por que Jesus estranha lhe ser pedida a solução para uma partilha de bens?
2. Qual é o ensinamento básico da parábola contada?

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Que riqueza tenho cultivado, a material ou a espiritual?

**149.1 Introdução: O descanso imprevidente.**

No próximo momento, encontramos Jesus no meio de uma multidão. Algo deveras comum, consequência do apreço e admiração que lhe eram voltados. De ordinário, o povo o acompanhava. Fosse para sorver lições da vida perene, fosse para se beneficiar de curas inusitadas. Nessa ocasião, ele se viu diante de um oblíquo pedido. Levantou-se um jovem para pedir, mais do que conselho, que intervisse de modo especial na sua vida particular. Esperava que a sabedoria do Mestre, prenhe de justiça, viesse a solucionar um desgastante percalço familiar.

Mas Jesus, como o Cristo que é, situou-se sempre, desde o começo do seu ministério, num patamar acima dos comezinhos ordinários. Não fez como João Batista que foi se intrometer no âmbito íntimo do monarca Herodes, condenando seu casamento com sua cunhada. Tomemos como ilustração do cuidado que teve em demarcar bem essa fronteira, na resposta dada à mãe, nas Bodas de Canã. Chegou a titubear quanto à decisão de fazer valer seu poder anímico, ali. Deveria contar aquele evento como parte da sua missão ou ainda o situaria como próprios do pequeno círculo familiar-social? Considerando a realidade da anunciação do batismo e da escolha de alguns homens para formar seu colégio apostólico, a missão já fora iniciada. Num átimo da indefinição chega a perguntar à mãe: “que importa isso a ti e a mim, mulher? (Com a falta de vinho na festa daquele matrimônio). “Minha hora ainda não chegou” (Jo 2:4). No entanto, capitula e veicula sua ação como resposta. O *cronista* João registra,



### Por uma cultura de paz

com propriedade, a operação que transforma a água em vinho, deixando-nos a função de saborear todo o simbolismo alquímico contido no primeiro grande feito do seu ministério. Vide a MC-14.

Inicia a resposta aqui de forma similar. É como se dissesse ao mancebo aflito: "o importa isso a mim, homem? Por que devo me imiscuir nessas querelas familiares"?

No entanto, não deixa passar a oportunidade de pontuar preciosa parábola, apontando para o mal presente na base do problema. Esse, sim, é parte do repertório que veio ensinar. Com ele, ultrapassa as questiúnculas domésticas e lega-nos mais uma chave de acesso ao Espírito. Diz respeito ao trato que devemos ter com o dinheiro, com a posse. Essa materialidade que oferece a vestimenta para o trabalho da alma no planeta, mas que tantas vezes se torna pesada mala a ser carregada pela existência. Muitas pessoas, iludidas, tomam-na como passaporte para as delícias do mundo, pensando conduzirem consigo cara fragrância, para descobrir, *a posteriori*, serem portadores de veneno traiçoeiro a lhes corroem alma e corpo.

Reflitamos sobre o alerta que a palavra do Mestre mais uma vez nos oferece, nos nove versículos, parte do capítulo 12 de Lucas.

#### 149.2 Evangelho-parte 1: O muito de um no pouco de tantos. (Lc)

Lucas 12:13-15
13. Disse-lhe alguém da multidão: "Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança".
14. Mas ele disse-lhe: "Homem, quem me constituiu árbitro ou partidor entre vós"?
15. E disse a eles: "Olhai e precatai-vos contra todo o supérfluo, porque a vida dele não está no superabundar de algo que esteja à sua disposição".

- |   |   |
|---|---|
| 1. Alguém da multidão se levanta e pede: "Mestre, dize ao meu irmão que divida a herança comigo". | 3. Mas responde aos dois: "Olhai e precatai-vos com todo o supérfluo, porque a vida do irmão não está no superabundar de algo que esteja à sua disposição". |
| 2. Surpreende-se Jesus: "Homem, quem me constituiu árbitro dessa partilha"?                       |   |

#### 149.3 Evangelho-parte 2: A estratégia do (im)previdente. (Lc)

Lucas 12:16-19
16. Então lhes narrou uma parábola, dizendo: "De certo homem rico, a terra era fértil,
17. e ele raciocinava consigo dizendo: que farei, pois não tenha onde recolher meus frutos?
18. E disse: Farei isto: derrubarei meus celeiros e construirei maiores, e aí guardarei toda a colheita e meus bens.
19. E direi à minha alma: Alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos: repousa, come, bebe, alegra-te.



*Por uma cultura de paz*

4. E adiciona esta parábola: “De certo homem rico, a terra era tão fértil que ele assim raciocinava: ‘que farei se não tenho mais onde recolher meus frutos?’
5. Solucionou: ‘derrubarei meus celeiros e construirei outros maiores, onde guardarei toda a colheita e também os meus bens’.
6. Até direi à minha alma: alma, tens tantos bens em depósito que podereis, a partir de agora, repousar, comer, beber e alegrar-te por muitos anos’.

#### 149.4 Evangelho-parte 3: ... e o seu destino (Lc)

Lucas 12:20-21
20. Mas Deus disse-lhe: "Insensato, esta noite te pedirão de volta tua alma; e as coisas que preparaste, para quem serão?"
21. Assim é o que entesoura para si, não enriquecendo para com Deus".

7. Mas vem Deus e lhe diz: ‘insensato, quando nesta noite te for pedido tua alma de volta, para quem serão os bens que armazenaste?’
8. Esse é o destino daquele que entesoura para si, mas não se enriquece para com Deus”.

#### 149.5 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

##### **1. Por que Jesus estranha lhe ser pedida a solução para uma partilha de bens?**

Estar no mundo sem ser do mundo não é para muitos. Ter posses sem se deixar por elas ser possuído é para poucos.

O Cristo desceu à Terra para construir uma ponte de acesso às alturas espirituais. Metade feita de matéria, metade feita de espírito. Usava um corpo para andar, comer, respirar e conosco conviver, mas não se identificava com a personalidade que o contexto familiar, social e cultural impregna. Se não em todos, pelo menos na maioria. Era um modelo a ser seguido, mas tantos queriam-no como habitante comum dessas plagas. Logo, precisava dar o limite para não ser tragado.

Por que haveria ele de se envolver com questões mundanas, tantas vezes tão complexas como a de uma partilha de herança? Se não cuidasse dos pormenores poderia perder a visão do todo, e emitir opinião parcial e injusta. Para isso nossa cultura fez por bem criar as instituições da justiça. Devem ser capazes de lidar com processos plenos de relatividades, que importam serem sopesadas com coerência.

E se fosse ele cuidar das menores questões certamente relegaria a segundo plano as principais. Como um presidente da república, com tantos problemas da nação



### *Por uma cultura de Paz*

para resolver, suspenderia seus despachos a fim de resolver querelas entre dois vizinhos, por exemplo? Seria insensatez incabível ao primeiro mandatário do país.

A analogia serve para o Rei de outro Reino. Como citamos na introdução, o Cristo quis logo de saída, no início do seu ministério, ainda nas terras galileias, deixar isso claro. “Vim para outro trabalho, cabendo-me executar o serviço especial daquele que me enviou”. Transformou água em vinho, nas bodas de Caná. Poderíamos dizer que se fez valer da ocasião para muito ensinar, como uma constante de todas suas intervenções. Destacamos apenas um ensinamento embutido nessa intervenção. O matrimônio não mantém o ardor inicial das paixões e arrebatamentos. Em próximo momento, quando acaba o vinho da celebração, outra fase advém. É comum parecer não ter sobrado mais do que a água vulgar das relações, e isso quando não prepondera entre os amantes o vinagre reciprocamente destilado. O que fazer se não dedicar um esforço ingente para transformar a água, operando o retorno do vinho da alegria?

Se ele, na multidão de agora, não se dispõe a dizer o que cada irmão deve fazer, de saída, oferece frase lapidar. Se fosse bem cuidada, a convivência humana já teria alcançado patamar mais avançado. A paz entre nós já figuraria como viável. Mas, enquanto a maioria não chega à comunidade humana, precisamos – pelo menos aqueles que conseguem vislumbrar a base de uma sociedade justa – refletir para entender e praticar a ideia principal desta frase: “olhai e precatai-vos contra todo o supérfluo, porque a vida dele não está no superabundar de algo que esteja à sua disposição”. Considerando que “o vós” da oração parecia se dirigir aos dois irmãos – é provável que ambos estivessem presentes, o queixoso e o abusador –, traduziríamos assim: “Cuidai-vos, ambos, de precaver contra todo o supérfluo. Contra **todo**ele. Isso porque a vida de um irmão – no âmbito menor, todo aquele que partilha da consanguinidade conosco; no contexto maior, todo aquele que conosco convive, irmão em Deus – não pode estar no excesso do que o outro irmão venha a usar à sua disposição”. Como pode aquele que guarda em excesso contribuir, através do supérfluo retido, para a causa da miséria alheia? Prender nos cofres, nos subterrâneos da terra, os recursos da vitalidade do próximo? Como pode aquilo que sobra com muitos ser o mínimo que falta a tantos?

Jesus, que não possuía um travesseiro para repousar a cabeça, tinha autoridade suficiente para destacar a observação ímpar. E a nós, que posição cabe, como seus colaboradores? Treinar o desapego, sem dúvida. Principalmente quando o destino nos oferece a função de administrar grandes recursos materiais. Lembrar dos necessitados que vivem numa Terra onde seus habitantes ainda não aprenderam a dividir. Saber que, pela lei da reencarnação, no palco da existência, há com frequência a troca de figurino. Se hoje vestimos o do abastado, amanhã o corredor dos cenários da limitação se abrirá como opções diferentes e justas. Não importa em qual deles o cristão se matricule, na penúria ou na abundância, muito há o que realizar e ensinar em prol de um mundo mais justo e fraterno.



*Por uma cultura de paz*

## **2. Qual é o ensinamento básico da parábola contada?**

De que lugar Jesus sacou a parábola própria para o momento? Como sábio, testemunha de tantas vivências, sua criatividade pode muito bem ter engendrado a história, adaptando-a para a lição necessária. Mas dado à sua psicoscopia especial, não é incoerente pensar pudesse ter alcançado a experiência do pai daqueles dois herdeiros ou, quem sabe, a do pai de um dos ouvintes.

O homem da fábula era rico e dono de uma terra, também, rica. Somos nós, cada um de nós, esse homem, não? Somos ricos por sermos filhos de Deus e colocados num planeta rico, como a Terra. Capaz de fornecer frutos e mais frutos. Apta a nutrir todos seus habitantes, caso soubéssemos compartilhar o fruto do esforço individual e coletivo. Mas na Terra, ainda perversa, uns tomam os frutos para si, já que por certa gerência, não tão bem instituída, couberam-lhe a grande seara, vinculada a operários prestimosos e eficientes, como escolhidos preferenciais. Em não se propondo um simples exercício intelectual, supõem-se merecedores de justificável galardão. Admitirão a propriedade dos recursos como bem legítimo e natural. Quanta infância espiritual ainda teremos de assistir, como parte da dita realidade?!

De forma diversa, muitos vão se locupletando de tesouros materiais. Enchem mananciais físicos. Outrora foram necessários baús e cofres. Hoje, não mais. O sistema criou papéis que diferenciam os ricos dos pobres. Há ainda, nos dois extremos, um acima e outro abaixo, os bilionários e os miseráveis. Todos, pertencentes às quatro categorias, somos iguais. Ou quase iguais, já que a posse da moeda e dos papéis demarcaram diferença gritante. Mas olhando de perto, não deixamos de ser **tão bem iguais**.

O que sedimenta a diferença é a atitude de uns, os donos do mundo, que estratificou no jogo do mercado suas nítidas fronteiras demarcadoras de classes. E o começo de tal atitude esteve na ideia desenvolvida pelo pai ou o homem da parábola. Ganhando mais e mais a principal riqueza dos tempos primeiros, isto é, o fruto da terra, ele precisou construir enorme celeiro, não apenas para guardar, mas para também retirar – o seu banco. Entesourado, podia dele retirar, em forma de moeda corrente, o pagamento do seu gozo terrestre. Qual? O seu abastado armazém serviu para lhe dar os quatro prazeres discriminados na história: 1) o descanso, as férias ou a aposentadoria – a dispensa do trabalho; 2) o alimento à mesa, desde o simples, que sacia a fome, até as iguarias, que satisfazem os desejos; 3) a bebida espirituosa, como a distorcida alusão à real vivência espiritual de que todos temos sede; 4) a alegria subsidiada, simulacro mundano do êxtase real, próprio da unificação com Deus. Não quero dizer que a pessoa dedicada a investir na vida espiritual deva renunciar ao repouso que vitaliza as forças, ao alimento que nutre tanto o corpo como a alma, ou às festas que congregar famílias e grupos em enlaces de simpatia e socialização saudável. Apenas quero ressaltar que quando o sentido da vida é trocado ou substituído pelas realizações imediatas, como se fossem as únicas ou as mais importantes, é possível que



### *Por uma cultura de paz*

o indivíduo aja em vão. E em tantas vezes, somente descobrirá isso, na reflexão compulsória afeita ao leito da morte. Ou pior, no átimo da morte súbita, quando até mesmo o tempo próprio para o confronto com a realidade lhe será retirado. Embora rico de bens terrestres, entrará no plano espiritual como indigente, merecedor de compaixão.

Esse é o alerta oportuno para a humanidade, presente na parábola do Cristo. Que não se deixe levar pela ilusão dos sentidos. Há mais vida do que a mera materialidade do corpo e as circunstâncias imediatas apontam. Acordemos enquanto é tempo.

Esse estilo de vida é danoso para todos, a começar em si mesmo. No entanto, é ele que engendra o tipo de sociedade, esboçado acima, responsável por tanto sofrimento. Assistimos, quem sabe, ao esgotamento desse modelo de (in)justiça social, criado e alimentado pela avareza descabida. Mas é possível que a crise contemporânea, de espectro vastíssimo, esteja anunciando o ocaso de uma problemática civilização. A mensagem do Cristo, além de alertar os seus promotores para o engano que carregam, convoca os ouvintes afins para se prepararem a fim de assumirem o leme do novo que está chegando.

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

### **3. Que riqueza tenho cultivado, a material ou a espiritual?**

Preciso ouvir e refletir uma vez mais, Cristo amigo, porque tua lição da vez é portentosa.

Onde coloco minha intenção e ação, aí encontra-se meu coração. E dele devo cuidar para que seu sucedâneo seja abençoado, por conta da afinidade com à lei de Deus.

Não posso me contentar que a vida seja apenas a satisfação das sensações corporais, no tempo da breve existência.

Que eu esteja aqui para a festança da carne, com bebida, música e dança, fazendo da alegria de cada dia ou semana a única produção própria e necessária. Não me soa bem tal tipo de lógica, reduzida às cercanias do cenário imediato.

Ou que no olhar mais humanista e otimista, mas ainda materialista, que eu seja apenas algum elo transitório de uma sociedade que conseguirá se aperfeiçoar para, no máximo, construir um paraíso terrestre.

Por isso não concordo com os ditos arautos da cultura que confinam todo seu raciocínio na mais elementar corporeidade. Chegam a afirmar como os melhores frutos da vontade humana os atos de comer, beber, copular e dormir. Reduzem-nos à esfera animal.



*Por uma cultura de Paz*

É contra tal engano que teu ensino vem despertar.

Portanto, me pergunto: o que tenho feito, me aponta como cultivador da riqueza material ou espiritual?

Do repouso, quero apenas aquele que me ofereça a vitalidade necessária para a ação adequada de cada dia. E do entretenimento, o encontro vivo com as disposições humanas, veiculadas na beleza da arte, socializando os valores que farão a renovação do mundo.

Que o alimento me dê o equilíbrio orgânico para ter no corpo saudável um razoável instrumento de trabalho.

Minha intenção, mais do que nunca, é a de investir no cultivo espiritual, utilizando toda oportunidade de serviço para ampliar as minhas habilidades, e deixando o retorno financeiro no seu lugar de garantir as condições materiais da minha família.

Que eu descubra em toda ação a genuína alegria de me apresentar como teu servidor. Funcionem essas simples satisfações como a melhor nutrição anímica.

Para que no momento em que Deus vier me pedir este corpo de volta, que à terra pertence, esteja pronto para a entrega inconteste, em prol da unificação com o Pai. Que assim seja

**149.6 Versículo(s) para a meditação:** Lucas 12:20-21.

20. Mas Deus disse-lhe: "Insensato, esta noite te pedirão de volta tua alma; e as coisas que preparaste, para quem serão?"

21. Assim é o que entesoura para si, não enriquecendo para com Deus".

**RedeUnaViva: Meditação Cristã 150 – paragem 423 – 30.07.17**  
**LUCAS 13:1-9**